



COMO SE ATRIBUI A SENSIBILIDADE? UMA ANÁLISE SOBRE O PASSADO NO PRESENTE

Debora Fernanda da Silva¹

O que é sensível?

Yannick Mével e Nicole Tutiaux-Guillon (2013) defendem que uma questão sensível é carregada de emoções, além de ser politicamente sensível, complexa e importante para o presente e o futuro em comum. Segundo os autores, essas questões costumam implicar confronto de valores e interesses, ainda argumentando, que seria interessante abordar os temas sensíveis com a especificidade de estarem relacionados à violação dos direitos humanos.

Porém, sabemos que antes de sequer existir direitos humanos como instituição, esses direitos já eram violados. As cruzadas, os jogos gladiatoriais, as queimas das bruxas, a peste bubônica... Quando se inicia a tênue linha da sensibilidade de um tema? Nesse artigo, propomos não a resolução da questão, mas uma reflexão sobre, com o objetivo de instigar o debate.

São temas sensíveis não apenas porque é difícil falar sobre eles, mas, principalmente, porque não há ainda, na maioria dos casos, um consenso da sociedade sobre o que dizer e como falar sobre esse passado. Em muitos casos, os processos de memória, trauma e reparação ainda estão em curso, e diferentes versões ainda estão em disputa – tanto na memória como na história. (ARAÚJO, 2013, p.9)

É óbvio que existe uma lógica em considerar temas mais sensíveis os que estão mais próximos das realidades atuais, que ainda atingem pessoas vivas por condições de gênero, raça, religião e política. Porém, a violência é inerente à sociedade, não só

¹ Graduada pela Universidade Federal de Goiás - UFG
debora0258@gmail.com





contemporânea quanto em todos os períodos históricos, falar sobre ela é sempre difícil, especialmente com uma faixa etária tão jovem. O que queremos demonstrar é de que forma qualquer violência pode se tornar tema sensível, dependendo da ótica que é inserida. Para isso, utilizaremos as historiografias vigentes em diferentes épocas, que foram atribuindo diferentes significados a um mesmo assunto, mesmo sendo uma ferida de mais de dois mil anos. O exemplo utilizado será o de combates gladiatoriais.

No fim do XIX, momento em que os historiadores Theodor Mommsen (1983) e Lee Friedlander (1983) escreviam, predominava entre os classicistas interpretações que visavam ressaltar a grandiosidade do Império Romano e os dois vieram com uma constante preocupação com o ócio da população romana e atribuíam a isso a necessidade do “pão e circo”. Era uma época de expansão dos ideais neocolonialistas e toda a ênfase recaía sobre a função política que os combates desempenhavam no Império. Renata Garraffoni (2004) entende essas interpretações como retratos de sua época, levando em consideração que eles viveram no período de desenvolvimento capitalista alemão, em que se valorizava ao máximo o trabalho e que o ócio era visto como ameaça à ordem. Nesse ponto, podemos observar que até os dias de hoje, a interpretação de manutenção do poder é a mais disseminada pelos livros didáticos e conseqüentemente pelos professores de história nas salas de aula, quando se trata de História Antiga. Conforme Pedro Funari (2004):

Os livros didáticos, muitas vezes, adotam uma visão herdeira dos ideais aristocráticos das elites européias e brasileiras, apresentando o “milagre grego” como prova a superioridade de uns poucos e a inferioridade de muitos. Os modelos interpretativos correntes são normativos e holísticos, como se houvesse uma única cultura grega ou romana (aquela da elite), cujos preceitos seriam forjados pela aristocracia e aceitos pelas massas antigas. [...] Estes modelos normativos tendem a reforçar uma leitura pouco crítica da História e a reiterar as desigualdades no presente. (FUNARI, 2004, p.4)





A partir da década de 1960, se percebe na historiografia um mal-estar causado pelo contexto pós-guerra, as violências causadas pelas guerras mundiais e pelo nazismo, geram nos historiadores classicistas uma tendência a repudiar a violência. O melhor exemplo dessa época, é o trabalho de Michael Grant (1967), em que Roma e seus espetáculos são descritos como coisas terríveis e de atrocidades inigualáveis. Essa preocupação em denunciar os distintos tipos de violência, veio do contexto em que o historiador se inseria e nos mostra como a sensibilidade também pode vir do momento histórico, como uma espécie de gatilho para outros temas. O autor, por possuir referências marxistas, busca trazer um comparativo entre os dominadores e dominados e fornece assim, referência para se pensar nas camadas oprimidas pelo poder romano, mesmo usando termos anacrônicos.

Quando se refere a combates gladiatoriais, ainda hoje existe um esforço para a humanização das pessoas que lutavam nas arenas romanas. Por muito tempo, lhes foi dado uma identidade indefinida de massa de combatentes que divertiam os cidadãos romanos e só agora, no século XXI, surge uma historiografia que visa mostrar essas pessoas como indivíduos históricos, como no trabalho da historiadora Renata Garraffoni (2004). Claro que não esperamos que haja uma identificação dos alunos com essas pessoas que foram forçados (ou não), aos combates. O que esperamos aqui, é mostrar de forma não anacrônica, de que modo deve existir um respeito às vidas, mesmo que o respaldo de dois mil anos tenha levado um pouco de nossa empatia. Essa interpretação recente mostra túmulos de gladiadores em que existem menções de esposas, amigos e familiares, humanizando essas camadas e nos lembrando que estamos lidando com uma ciência humana, e que esses acontecimentos não têm uma data de validade.

É interessante notar como as prioridades de um mesmo tema se moldam de acordo com a época e de que modo isso reflete nas sociedades atuais. Até o ano de 2020, tratar da Peste Bubônica ou da Gripe Espanhola, poderia ser completamente fácil e trabalhável em sala de aula. Mas hoje, depois da pandemia de Covid 19, esses temas podem ter se transformado em gatilhos e de uma sensibilidade anormal para professores e alunos. Isso acontece porque, assim como no caso dos gladiadores, as abordagens se





moldam de acordo com as nossas vivências, um lembrado pelo período violento e outro pelo pandêmico.

Outro exemplo claro é como a Ditadura Militar se tornou muito mais sensível com a virada do século, não só porque abriram documentos que revelavam as atrocidades, mas também, devido ao clima de incerteza pós golpe de 2016. Esse, representa um desafio ainda maior para os professores em sala de aula, pois, além de trabalhar a empatia e o respeito dos alunos pelas vítimas, se torna necessário um esforço para convencê-los de que realmente aconteceu. Jonas Eugênio e Carmem de Vargas Gil (2018), trazem o assunto em seu texto:

Se alguns temas são controversos pelo conteúdo que abordam, outros apenas o são em função dos contextos em que são trabalhados, como a escola. Tal como ocorreu com o comentário de um aluno “Mas meu pai sempre diz que nessa época era muito bom...”, ele gera uma controvérsia e se torna uma questão delicada, seja porque contrapõe os saberes da disciplina, seja porque coloca ao professor uma dificuldade na abordagem do conteúdo em função das reações dos alunos. (2018, p. 144).

Como dito anteriormente, esse artigo não visa a resolução de questões, mas a reflexão das mesmas e com os exemplos abordados, acreditamos que seja possível se pensar de que modo os temas sensíveis vão se moldado para mais ou menos sensíveis de acordo com o tempo em que o historiador e seus alunos estão inseridos, com a ênfase dada ao professor e com a importância que os alunos atribuem a esses acontecimentos.

Referências:

ARAÚJO, Maria Paula; SILVA, Izabel P. da; SANTOS, Desirree dos R. (Org.) *Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.





EUGENIO, J. C.; GIL, C. Z. V. *Ensino de história e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas*. **Revista História Hoje**, v. 7, nº13, 2018.

FRIEDLANDER, L. “*Los espectáculos*”. In.: *La sociedad romana – Historia de las costumbres em Roma. Desde Augusto hasta los Antonios*. Fondo de la cultura Economica, Madrid, 1983.

FUNARI, P. P. A. A importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros escolares. **Revista História Hoje**, São Paulo, N.4, 2004.

GARRAFFONI, R. S. *Gladiadores na Roma Antiga: Dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005.

GARRAFFONI, R. S. *Técnica e destreza nas arenas romanas: uma leitura da gladiatura no apogeu do Império*. Tese (Doutorado em História). São Paulo, Unicamp, 2004.

GRANT, M. *Gladiators*, The Trinity Press, Londres, 1967.

MÉVEL, Yannick; TUTIAUX-GUILLON, Nicole. *Didactique et enseignement de l’Histoire-géographie au Collège et au Lycée*. Paris: Publibook, 2013.

MOMMSEN, T. *El mundo de los Cesares*, Fondo de Cultura Economica, Madrid, 1983.

PEREIRA, N. M.; SEFFNER, F. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, v. 7, nº13, p. 14-33 - jun. 2018.

